
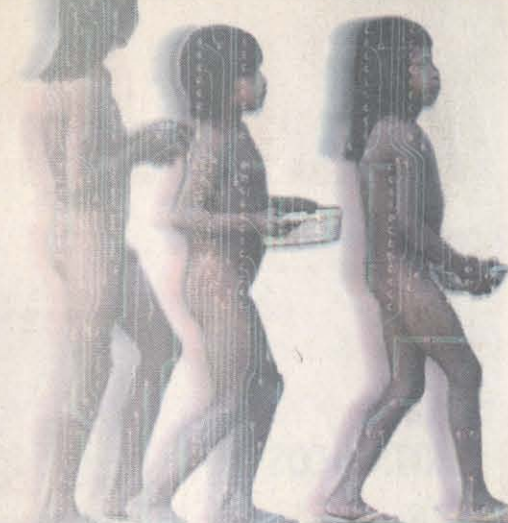


INSTITUTO

 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: CCO / cad. Curso de Vida
 Data: 17/09/00 Pg 128
 Class.: KHRAO 161

COISAS DA

VIDA

LEIA MAIS NA PÁGINA 8



ÍNDIOS, BYTES E BITS

259 ÍNDIOS KHRAO DA ALDEIA CACHOEIRA, NO TOCANTINS, APRENDEM RAPIDAMENTE A USAR O COMPUTADOR. MAS ALGUNS AINDA TÊM MEDO

Rovênia Amorim (texto)
 Acácio Pinheiro (fotos)
 Enviados Especiais

Itacajá (TO) — De óculos de grau e uma vara que lhe serve de bengala, o velho índio cego, de ralos cabelos brancos, se aproxima a passos rastejantes. É o sábio da aldeia, que dá conselhos, que todos os khrão ouvem. Ele quer falar com os fofasteiros brancos. “É preciso aprender a ler o papel. A cabeça do branco parece com ramo de melancia”, explica o sábio Itot Krato, o mais velho dos 259 índios que vivem na aldeia Cachoeira, a 45 km em estrada de areia da pequena Itacajá.

O indigenista Fernando Schiavini, da Fundação Nacional do Índio (Funai), ouve com a paciência que adquiriu nos 18 anos de convívio com os khrão. Espera o velho acabar de falar. Em sinal de puro respeito. Outro índio faria o mesmo e o bran-

co aprendeu a controlar a prensa. “Ele usa metáfora, mas quer dizer que o branco tem pensamento complicado, muitas idéias e esconde o poré, o dinheiro”, traduz o indigenista.

A visão do velho sábio, que só enxerga sombras por causa da catarata que lhe cobre os olhos, já contaminou os índios mais novos. Os khrão já perceberam que precisam entender o mundo dos brancos se quiserem sobreviver. Ao mesmo tempo em que lutam hoje para resgatar costumes, mitos e festas que desapareceram ao longo de 300 anos de contato com a civilização dos brancos, os índios khrão querem entrar no mundo da tecnologia.

“Toda coisa quando é feita pela primeira vez é difícil”, diz Nivaldo Kênkróc Krahò. O índio canhoto, 34 anos, estranha o mouse, não entende algumas palavras na tela do computador (estão em inglês), mas encanta-se com a seta e o clique

que abre nova página no computador. “É muita informação, mas se tiver alguém para orientar, a gente acaba aprendendo”, insiste o índio, pai de oito filhos. Tehco é um deles. A menina de 9 anos, de pé ao lado da cadeira onde está o pai, não desgruda os olhos da Internet. É a primeira vez que vê o computador ligado.

O micro com Windows 98 é o único na pobre e quente Itacajá. Na cidade de 3 mil habitantes, a 1.229 km de Brasília, o melhor hotel não tem frigobar, chuveiro com água quente ou ar-condicionado. Os hóspedes quase sempre são curiosos, que vieram de longe para conhecer os khrão. Apesar de a grande maioria dos moradores nunca ter visitado pelo menos uma das 17 aldeias que circundam a cidade.

“Só há preconceito em Itacajá. As pessoas não fazem a menor idéia da cultura khrão”, lamenta Schiavini. Ele costuma

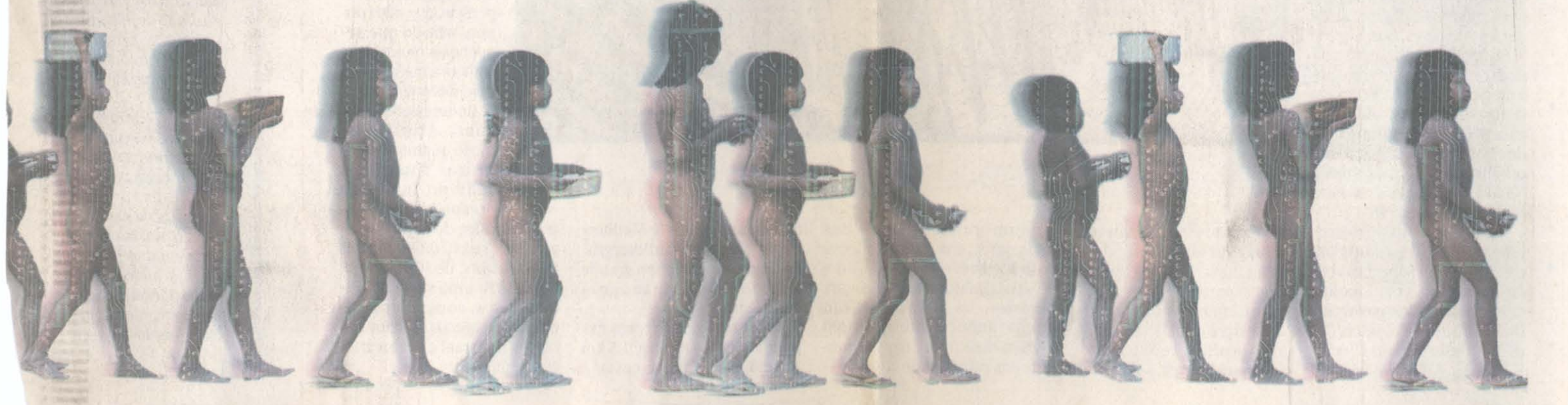
dizer que na aldeia o tempo é outro. Realmente. Os índios mais velhos e as índias nem se importam em saber a idade de cada um. Até então nunca precisaram contar os anos. Só mais recentemente, a preocupação passou a dominar os índios mais novos, interessados em tirar carteira de motorista e identidade. As horas do dia, no entanto, continuam sendo desnecessárias. Os khrão comem quando têm fome, sem horários fixos.

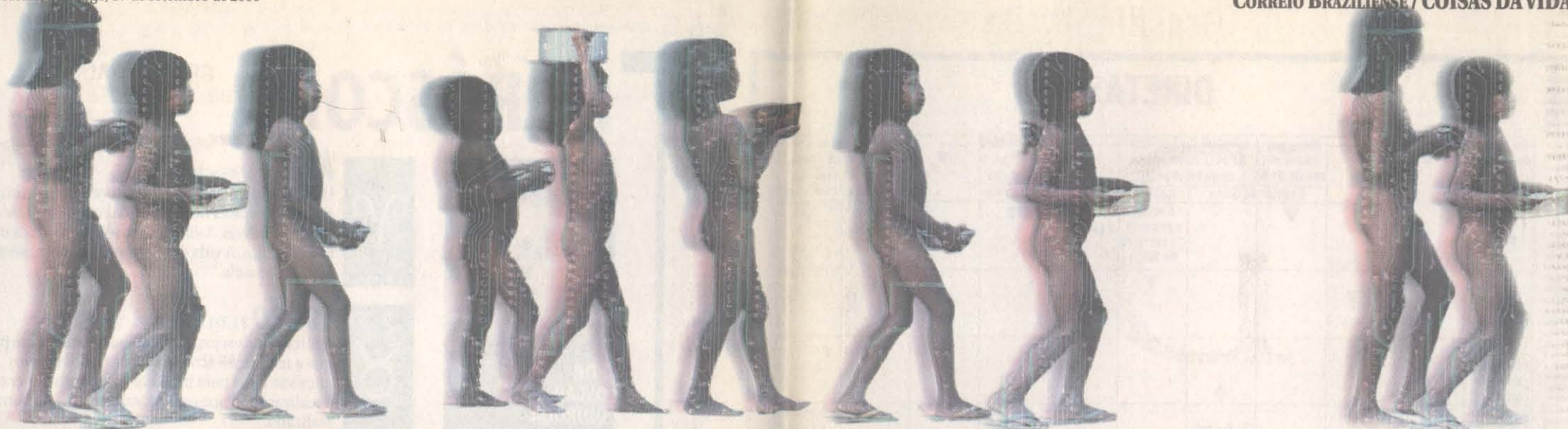
ISOLAMENTO COMPULSÓRIO

O problema é a comida. Há pouca. As roças dão quase nada e são um problema para um povo que era nômade, acostumado a caçar e a coletar. Hoje vivem no isolamento compulsório, imposto pela Funai em 1940, depois de um massacre que causou comoção nacional. Os khrão vivem agora numa re-

serva de 3.200 km² de cerrado. Área igual a da grande São Paulo, mas pequena para um povo acostumado à vastidão. Cercados pelos limites da terra, deixaram de ser nômades.

“Esse contato foi muito protecionista. Os mais antigos contam que chegavam caminhões de presentes”, diz Fernando Schiavini, indigenista da Funai. “A ideologia do consumo foi a derrota deles. Era algo fora do contexto cultural dos khrão.” Daí vieram os problemas sociais. Incentivados a plantar arroz, deixaram de plantar milho, batata e inhame. Perderam as sementes e a fome foi questão de tempo. Somente em 1998, os khrão retomaram as culturas do milho, mandioca, fava e andu — um grão menor e mais arredondado que o feijão. A colheita é pouca, a caça também. Sem a carne dos animais que matavam com arco e flecha (hoje eles usam espingarda), as festas foram sumindo.





FESTA PARA BRANCO



AOS POUCOS, OS KHRAÔ FORAM ESQUECENDO AS TRADIÇÕES AO MESMO TEMPO QUE SE ENCANTAM COM A INTERNET

O *Pemb'kahok* é uma das festas que foram sumindo, por causa da pouca colheita. Há anos os índios não varavam a noite, dançando e cantando na celebração do rito de passagem dos jovens índios khrão para a fase adulta. Meninos de 13 e 14 anos que, no fim da segunda noite da festa, são "apenados". Uma simbologia remota que lembra os guerreiros capturados e que eram devolvidos, cobertos de penas de pássaros, em sinal de paz.

Hoje os khrão fazem isso para o branco ver. Querem paz. Tanto que a festa atrasou porque o branco não chegou. Era o indigenista da Funai e seus convidados, a equipe do Correio e um casal de turistas espanhóis. "Nosso povo estava esquecendo essa festa. É importante fazer", diz o índio Theapók, de bermuda e chinelo havaianas como todos os outros. As índias enrolam um pano na cintura, que vira saia improvisada.

A pele de todos eles está adornada, pintada de preto e vermelho. A tinta que gruda na pele por duas semanas vem do jenipapo e do urucum. Um indiozinho é quem amolece a mistura. Mastiga castanha na boca e cospe o leite e a saliva.

Os brancos chegam, mas a festa é adiada. A tristeza domina os 38 ikrés dispostos de forma circular na aldeia. O ikré é a casa do khrão. Simples, piaçava entrelaçada vira teto e parede, às vezes, reforçada como barro batido. O chão é a terra amarela do cerrado. "Hoje não vai ter festa. A tristeza chegou", avisa um dos líderes da aldeia. Uma índia, de idade avançada, morreu. O choro no velório é ouvido de longe. O dia será de luto.

Meio-dia e 22 minutos do dia seguinte, a tristeza é afugentada pelos risos e a dança de 44 jovens e dez crianças. Ele circundam a aldeia, postam-se na frente de cada ikré. Levantam os braços numa coreografia ensaiada. É a chamada para a *Pemb'kahok*. A festa começa com a corrida de toras. Vence quem consegue dar as três voltas mais rápidas, carregando sobre os ombros o pedaço de um tronco de árvore de 60 quilos ou mais.



OS KHRAÔ CARREGAM UMA TORA DE MADEIRA DE MAIS DE 60 QUILOS NA FESTA DO PEMB'HAKOK. VENCE QUEM DER TRÊS VOLTAS MAIS RAPIDAMENTE

PAPA-MEL E GAVIÃO

A noite cai rápido na aldeia sem energia elétrica. No meio da escuridão, os khrão cantam. Duas fogueiras acesas iluminam os índios que não se cansam de correr de uma ponta a outra. Duas meninas, de não mais que dez anos, têm um pano branco amarrado na cabeça e uma corda nas costas. Alguém da família segura a ponta, enquanto a corrida prossegue até a madrugada. As duas meninas que participam da representação são debutantes. Na festa, são apresentadas à aldeia. Sinal de que a menstruação já veio.

A encenação relembra crenças antigas do Khrão. A dessa noite é a briga de papa-mel (espécie de raposa) e gavião. Um índio que extasia-se assistindo a repetitiva corrida explica ao casal de espanhóis que visitam a aldeia o significado de tudo aquilo. "Papa-mel está atrás da caixa de maribombo e o gavião fica na espreita. Quer pegar os ruins", vai contando.

Na prática é a hora da vingança. Os índios metidos a valentões, que bebem pinga e batem nas mulheres, são intimados a provar a bravura enfrentando

os marimbondos. Na manhã fria, depois de uma noite toda de cantoria, a tribo inteira, até as índias com bebês recém-nascidos, embrenha-se no meio do mato atrás da caixa de maribondo. Os escolhidos seguem na frente. São eles que vão subir na árvore dos marimbondos. No final da prova de coragem, restam calombos vermelhos por todo o corpo. Os guerreiros não reclamam da dor.

A LÓGICA DELES

A festa foi filmada em equipamento profissional por Edson Xôhtyc, um jovem índio de 20 anos, e transmitida pela rádio improvisada por uma equipe de professores e alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Foram eles que treinaram os khrão a lidar com a tecnologia do rádio e da televisão.

"A gente tem sempre um pouco a aprender e a ensinar", resume o professor da disciplina Comunicação Comunitária da UFG, Nilton José Rocha, 49 anos. "Queremos que eles tenham o domínio do processo de comunicação e que contem a própria história. A lógica da nossa mídia

não é a deles." O próximo passo será o mundo da Internet. O computador os índios já têm. Por iniciativa deles até. A máquina ainda é um mistério para os khrão. Emana medo. Por isso, eles a respeitam.

O índio Getúlio Khrão, 52, da aldeia Manoel Alves Pequeno, a 6 km de Itacajá, nem sequer liga a máquina. Mas sabe que é importante. "Sinto orgulho dentro do meu corpo. Com o computador vou entrar em contato diretamente com as autoridades sem precisar ir a Brasília", explica o índio de pele quase mulata, analfabeto e que coordena a União das Aldeias Khrão-Kapey. É a associação deles.

O curso que vai ensinar aos índios os segredos da informática ainda não começou de fato, mas eles já fazem planos. Querem ser jornalistas. A idéia é produzir, usando o micro, um jornalzinho diário, em linguagem khrão. "No Brasil todo não tem jornal? Por que o índio não pode ter?", argumenta Getúlio. "Precisamos colocar no papel a nossa história, a notícia, o ruim, o dia da festa."

Talvez nisso, o velho *hômren*, o sábio da tribo Cachoeira, tenha razão. Ele, que nunca viu e nem sabe o que é computador,

prega para quem tem a paciência de ouvi-lo a importância das tradições indígenas. "O novo tem pensamento de macaco. Não pega a linha do khrão velho", costuma dizer. "Tem khrão perdido, bebendo pinga, batendo na mulher e na sogra dele. Índio de hoje não pisa mais arroz, não caça veado. Eu não quero largar nunca o pensamento khrão."

BISCOIN E BURACHIN

Na rua principal de Itacajá, as palavras do velho cego são compreendidas. Os índios desgarrados da cultura riquíssima dos khrão bebem, vendem baulaques e mendigam. "Preciso comprar biscoin (biscoito) e burachin (bolacha) para meus netinhos. Na aldeia só tem mandioca, cana, banana, batata e inhame", implora a índia batizada de Lúcia pelos brancos e que nem sabe a idade. Mãe de 7 filhos e netos que não sabe contar, a velha índia de lenço sujo na cabeça vende espanador por R\$ 5.

Nas aldeias, a realidade é outra. Os índios têm curiosidade pelas coisas dos brancos, mas são conscientes de que a cultura deles é importante. Ainda

que antigas tradições tenham se perdido ou mudado com o tempo. Os mais novos não querem buracos tão grandes nas orelhas como ostenta João Khrão, de 60 anos. Nenhum dos seis filhos dele quis seguir os conselhos do pai, que começou a alargar o furo nas orelhas aos 8 anos. Hoje é um dos poucos que têm uma rodela de madeira, de quase três centímetros de raio, em cada orelha.

Na visão dos jovens, a salvação da cultura que resta nas aldeias khrão está na tecnologia. O gravador, a filmadora e o computador são o estímulo que vem do branco.

O professor Nilton Rocha não duvida da agilidade dos índios. "Eles têm facilidade muito grande para manusear novas tecnologias. São curiosos pelo novo e têm inteligência aguçada."

O publicitário Ulysses Monteiro, 42, é quem está ensinando os khrão a navegar. "Passamos os ícones e os comandos. Não tem segredo. Eles são muitos observadores", afirma o professor. "Em três dias, um índio aprendeu a entrar no World e escrever carta." Resumindo: os khrão aprendem rápido. "Sorte nossa que a cultura deles ainda não está aqui. A humanidade deu uma grande volta para chegar onde eles estão, no ponto de partida", admira o indigenista Fernando Schiavini. "Na sociedade deles não há riqueza, nem pobreza e é um exemplo de como é possível depender do meio ambiente, sem destruí-lo."

Para os brancos que os visitam deixam mais que a simplicidade da vida cotidiana e de uma recepção educada. Deixam a lição do respeito. Dão o próprio nome ao novo amigo, batizam-no na aldeia — num ritual simples de palavras incompreensíveis — e entregam um colar. Uma forma de selar a paz com a civilização que na década de 40 massacrara muitos deles na ganância de não perder terra. Meu nome agora, entre os khrão, é Mayóli.

SERVIÇO

UNIÃO DAS ALDEIAS KHRAÔ-CAPEY
 Área Indígena Khrão, Rua C, s/nº
 CEP: 77720-000 — Itacajá (TO)
 Tel.: (63) 439-1174
 Internet: www.kraho.funape.ufg.br
 Kapey@brazilonline.com.br

